



### O USO DO CLÍTICO ACUSATIVO DE TERCEIRA PESSOA NO FALAR FORTALEZENSE: APAGARAM-NO OU SUBSTITUÍRAM ELE?

Tereza Maria de Lima (UNILAB)<sup>1</sup>  
[lorenaeleonelalbano@gmail.com](mailto:lorenaeleonelalbano@gmail.com)

**RESUMO:** O propósito deste artigo é analisar as formas pelas quais se realiza o objeto direto anafórico, focando no apagamento ou substituição do clítico acusativo no falar fortalezense. A análise quantitativa se baseia em narrativas orais pertencentes ao *Corpus NORPOFOR* (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Os informantes considerados foram estratificados em função do *sexo*, da *faixa etária* e da *escolaridade*. No sentido do uso real da língua, baseia-se nos princípios teóricos da Sociolinguística Variacionista, desenvolvidos por Labov (1994; 2001; 2006 [1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). Dessa forma, são levantados condicionamentos linguísticos, sociais e estilísticos que podem influenciar na escolha de diferentes formas para a representação do objeto direto anafórico. Baseando-se nos trabalhos de Duarte (1986), Oliveira (2007), Cyrino (1993); Pagotto (1993); Monteiro (1994); Galves (1996, 2001); Nascimento (2001), dentre outros, foram definidas as variantes, no intuito de fazer inferências sobre a preferência dos falantes a partir das frequências de uso, através dos dados apresentados pelo programa *GOLDVARB X* (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005). Os resultados enfatizam o quase apagamento do clítico acusativo de terceira (0,4%) na língua falada de fortalezenses e sua substituição por um objeto nulo ou categoria vazia (37,7%), um sintagma nominal anafórico (38,2%) e um pronome lexical (23,6%), que são também usados na língua escrita (cf. CORRÊA, 1991; FREIRE, 2005; AVERBUG, 2000; OLIVEIRA, 2007; SOLEDADE, 2010-2011 e ARAÚJO, 2005). Isso constitui-se em um dos fatores que distingue o Português do Brasil das demais línguas românicas e exige uma análise que leve em conta o discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Objeto Direto Anafórico; Português do Brasil; Clítico Acusativo.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to analyze the forms by which the direct anaphoric object is realized, focusing on the erasure or substitution of the accusative clitic in the strengthened speech. The quantitative analysis is based on oral narratives belonging to the *Corpus NORPOFOR* (Oral Standard of the Popular Portuguese of Fortaleza), of the State University of Ceará (UECE). The informants considered were stratified by gender, age group and schooling. In the sense of the actual use of language, it is based on the theoretical principles of Variationist Sociolinguistics, developed by Labov (1994, 2001, 2006 [1972]) and Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]). In this way, linguistic, social and stylistic conditioning are raised that can influence the choice of different forms for the representation of the direct anaphoric object. Based on the works of Duarte (1986), Oliveira (2007), Cyrino (1993); Pagotto (1993); Monteiro (1994); Galves (1996, 2001); In order to make inferences about the preference of the speakers from the frequencies of use, the data presented by the program *GOLDVARB X* (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005) were used. The results emphasize the near erasure of the third accusative clitic (0.4%) in the language spoken by fortifieds and their replacement by a null object or empty category (37.7%), an anaphoric noun phrase (38.2%) and a lexical pronoun (23.6%), which are also used in the written language (see Corrêa, 1991, Freire, 2005, Avérbug, 2000, OLIVEIRA, 2007, SOLEDADE, 2010-2011 and ARAÚJO, 2005). This is one of the factors that distinguishes Brazilian Portuguese from other Romance languages and requires an analysis that takes into account the discourse.

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Linguísticos.

**KEYWORDS:** Direct Anaphoric Object; Brazilian Portuguese; Accusative Clitic.

## 1 INTRODUÇÃO

Pesquisas de cunho variacionista (cf. OMENA, 1978; DUARTE, 1986; CYRINO, 1993; PAGOTTO, 1993; MONTEIRO, 1994; GALVES, 1996, 2001; NASCIMENTO, 2001; CORRÊA, 1991; FREIRE, 2005; AVERBUG, 2000; OLIVEIRA, 2007; SOLEDADE, 2010, 2011; ARAÚJO, 2005, dentre outras) constataam que a realidade de uso do português brasileiro têm se mostrado, em muitos aspectos, distinto do português europeu. Um desses aspectos a ser investigado nesse estudo refere-se às possibilidades de uso para o objeto direto anafórico de 3ª pessoa (doravante ODA) na língua falada.

Essas possibilidades rompem com o postulado presente nas gramáticas normativas (cf. ALMEIDA, 1997; CEGALLA, 2005; ROCHA LIMA, 2001; CUNHA e CINTRA; 2001, dentre outras), que registram a existência de uma única forma linguística, no caso, o clítico, e apresentam outras formas para questão como, por exemplo: Onde Saulo esperou Ana? Cujas respostas poderiam ser:

1. Saulo esperou-*a* na enfermaria domingo à tarde. (*clítico acusativo*)
2. Saulo esperou *ela* na enfermaria domingo à tarde. (*pronomex lexical*)
3. Saulo esperou *Ana* na enfermaria domingo à tarde. (*sintagma nominal anafórico*)
4. Saulo esperou  $\emptyset$  na enfermaria domingo à tarde. (*objeto nulo ou categoria vazia*)

Desse modo, estes exemplos, encontrados no português do Brasil (doravante PB), apresentam quatro maneiras de uso do ODA, demonstrando a sua variabilidade, como registram a literatura linguística (artigos, dissertações, teses). Assim também como as gramáticas descritivas (cf. PERINI, 1996, 2008, 2010; AZEREDO, 2010; NEVES, 2011; CASTILHO, 2012; dentre outras), que, considerando as inúmeras pesquisas de vertentes linguísticas (sociolinguística, funcionalista, dentre outras),



destacam maneiras distintas de expressar um enunciado, considerando a dinamicidade das línguas naturais, a partir de dados empíricos de fala.

Partindo dessas afirmações, pretende-se realizar uma análise descritiva da categoria ODA no PB, buscando descrever o uso do pronome clítico acusativo na fala de fortalezenses, com base nos fatores internos e externos à língua, como propõe a Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV, 1994, 2001, 2006 [1972] e WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006 [1968]), da qual provém a ideia de que toda língua natural se encontra suscetível à mudança, o que possibilita a sistematização das variações/mudanças linguísticas.

O foco no clítico acusativo justifica-se, por ser uma forma pronominal de ocorrência rara, como registram grande parte dos estudos variacionistas (cf. DUARTE, 1986; CYRINO, 1993; PAGOTTO, 1993; MONTEIRO, 1994; AVERBUG, 2000; GALVES, 2001, dentre outros), confirmando o fato de que o uso desse pronome, no PB, constitui uma estratégia apreendida via escolarização; a exemplo, o estudo de Averbug (2000), que analisa o uso do clítico em textos escritos (redações escolares) de alunos do ensino fundamental I – alfabetizados (2%), fundamental I/4ª série (6%), fundamental II/8ª série (23%), médio (28%) e superior (40%), registrando um índice um pouco maior de uso do clítico, na escrita dos informantes com mais alto grau de escolaridade, com monitoramento didático pedagógico. Dessa forma, estudar o emprego do ODA, especificamente do pronome clítico acusativo, justifica-se também por uma melhor compreensão do uso das variantes no PB.

A hipótese que fundamenta este estudo e para a qual se busca confirmação é a de que a faixa etária dos mais idosos e o nível de escolaridade mais alto favorecem o uso da variante padrão clítico acusativo (doravante Cl) e, contrariamente, faixa etária e nível de escolaridade mais baixo propicia o uso das variantes não padrão: sintagma nominal anafórico (doravante SNa), objeto nulo ou categoria vazia (doravante ON/CV) e pronome lexical (doravante PL).

Objetivando contribuir para a caracterização do ODA no PB, propõe-se, neste artigo, apresentar uma pesquisa de natureza quantitativa, de orientação laboviana, com amostras orais constituídas por 107 informantes, estratificados de acordo com as



variáveis sociais (*sexo, faixa etária e nível de escolaridade*), a partir de dados provenientes do *Corpus NORPOFOR*<sup>2</sup> (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), com o intuito de descrever e analisar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos na realização do ODA na variedade local, com o auxílio do programa *GOLDVARB X* (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005). Embora se compreenda que esta pesquisa, no contexto dos falares cearenses, é um pequeno passo no registro das variedades linguísticas brasileiras.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para a constituição do referencial teórico, parte-se de uma revisão bibliográfica. Inicialmente, da variação no uso dos pronomes no PB, focando na posição dos gramáticos prescritivistas e descritivistas no que se refere ao uso do pronome CI; e, na sequência, os estudos literários desenvolvidos com base na Sociolinguística Variacionista de orientação laboviana, que apresentam um panorama de fenômenos variáveis a partir de respostas a cinco problemas centrais relacionados à explicação de uma mudança na língua: *os condicionamentos* (conjunto de mudanças possíveis, registrando tanto os fatores linguísticos quanto os extralinguísticos que possam favorecer ou desfavorecer as variantes em processo de variação e mudança), *a transição* (como uma determinada forma muda de um estágio a outro), *o encaixamento* (como uma mudança se encaixa na estrutura social e na estrutura linguística da comunidade e quais os reflexos desta mudança no sistema linguístico), *a avaliação* (relaciona-se à consciência linguística dos falantes, ou seja, à forma como os membros de uma comunidade de fala julgam a mudança e qual a consequência dessa avaliação sobre a

---

<sup>2</sup> O Projeto NORPOFOR – Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - foi idealizado com o objetivo de constituir um banco de dados que possibilite ao pesquisador a descrição de diferentes fenômenos do falar popular dos fortalezenses, sendo coordenado pela Professora Dra. Aluiza Alves de Araújo (UECE – Universidade Estadual do Ceará).

mudança, ou seja, o *status* social das formas variantes) e a *implementação da mudança* (envolve os fatores sociolinguísticos responsáveis pela implementação da mudança e por que uma dada mudança ocorre em uma língua em uma dada época e não em outra). (cf. WEINREICH, LABOV E HERZOG (2006 [1968], doravante WLH).

## **2.1 A variação no uso dos pronomes no PB: um foco prescritivistas e descritivistas**

Conforme aponta Coelho *et al.* (2015, p. 153): “de todas as mudanças porque passa o português ao longo dos séculos, talvez a pronominal tenha sido a mais significativa”. Os autores retratam a forma antiga e evidenciam a usada no português atual, configurando, desse modo, o *encaixamento estrutural* (cf. LABOV, 2008 [1972]).

De acordo com a orientação de Câmara Jr. (1972), os pronomes clíticos classificam-se como formas dependentes; considerando a tradição gramatical, como um vocábulo mórfico. E, (cf. MATEUS et al, 2003, p.835), apresenta características específicas no português europeu (doravante PE): 1) potencial referencial ou predicativo; 2) possibilidade de receberem um papel temático; 3) referência específica ou arbitrária; 4) capacidade de ocorrerem em construções de redobro e de extração simultânea de clíticos; e 5) faculdade de funcionarem como um afixo capaz de alterar a estrutura argumental de um predicado. Dessas cinco propriedades, a 1) não se aplica ao PB, pelo fato de o CI poder apresentar potencial predicativo e a 4), por não se encontrar dobro e nem extração simultânea nesta língua.

O uso do pronome complemento CI vem sendo diferenciado em relação ao que postulam as gramáticas tradicionais, que compartilham a ideia de que os pronomes retos (*eu; tu; ele/ela; nós; vós; eles/elas*) funcionam, em regra, como sujeito, e os oblíquos (*me, mim, comigo; te, ti, contigo; o, a, lhe, se, si, consigo; nos, conosco; vos, convosco; os, as, lhes, se, si, consigo*) como objetos ou complementos. Cujo traço comum é a capacidade de identificar puramente a pessoa gramatical. (cf. TUFANO, 1990; SACCONI, 1994; ROCHA LIMA, 2001; ALMEIDA, 1997; CAMPEDELLI E SOUZA, 2000; BECHARA, 2001; LUFT, 2002; CEGALLA, 2005; CUNHA E CINTRA, 2007; CEREJA E COCHAR, 2009, dentre outros).



Os estudos variacionistas e o contexto brasileiro descrevem raras ocorrências de uso do pronome Cl acusativo, principalmente na modalidade oral, mostrando o surgimento de outras estratégias de realização de ODA: o SNa, o ON ou CV e o PL. (cf. CYRINO, 1993; GALVES, 2001; NASCIMENTO, 2001, dentre outros). Assim, em resposta à pergunta: *Você viu José?* Além de responder usando o Cl (*Vi-o* na praça ontem.), poder-se-ia responder: - *Vi José* na praça ontem. (SNa); - *Vi Ø* na praça ontem. (ON/CV) ou ainda - *Vi ele* na praça ontem (PL). (cf. NEVES, 2004; PERINI, 2010; CASTILHO, 2012, dentre outros).

Em síntese, o ODA no PB, recebe um tratamento distinto no contexto das gramáticas prescritivas e descritivas. Estas descrevem a existência de possibilidades de escolha, pautada na pluralidade de normas, dentre as quais, a padrão; enquanto aquelas estabelecem regras que defendem uma única possibilidade de uso, a forma padrão.

### 3.2 Estudos variacionistas sobre o ODA de 3ª pessoa no PB: o pronome clítico acusativo

Omena (1978, p. 45), em sua pesquisa, investiga se o uso do Cl “estaria socialmente condicionado, ou seja, se seria um fato linguístico mais circunscrito ao registro escrito, cuja influência, aliada à da educação formal, ministrada pela escola, se refletiria na fala de pessoas escolarizadas”. Para isso, realiza 24 horas de gravação da fala de quatro informantes não escolarizados: dois homens (25 e 42 anos) e duas mulheres (26 e 42 anos), alunos do MOBREAL<sup>3</sup>, residentes no Rio de Janeiro e pertencentes à mesma classe social, destacando três formas variantes do pronome pessoal de terceira pessoa: Cl (0%), PL (24%) e ON (76%). Não havendo ocorrência da primeira na fala dos informantes. A variante só apareceu na fala de um universitário de seu estudo piloto e, ainda assim, com apenas três ocorrências. Destaca-se também, no uso de duas variantes por ela analisadas, a preferência pelo ON/CV, seguida do PL, já que em seu trabalho a variante SNa não foi observada. (OMENA, 1978, p. 29).

<sup>3</sup> Movimento Brasileiro de Alfabetização. Projeto do governo brasileiro, criado pela Lei nº 5.379 de 15 de dezembro de 1967, que propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos.

Pereira (1981), através de gravações com seis informantes analfabetos do Rio de Janeiro, apresenta como resultado que o CI se realiza de forma muito rara (0,9%) e a variante que predomina é o ON (57,8%), seguido do SNa (30,3%) e do PL (11%). Desse modo, a pesquisadora corrobora os condicionamentos linguísticos apontados por Omena (1978).

Em seu estudo, Duarte (1986) constata que a escola é um instrumento que arma o indivíduo com a habilidade para usar os clíticos; e que é também claro que, embora esteja habilitado a usá-los, procura formas de substituí-los, sendo a razão para tal comportamento evidenciada através de um *teste de percepção*, no qual a autora conclui que o uso do CI em situações informais é tão estigmatizado quanto o uso do PL em situações formais. Esse comportamento está limitado a frases simples, uma vez que há uma redução do estigma sobre o uso do PL pleno, em estruturas mais complexas, assim a dificuldade em usar o CI, de acordo com as prescrições gramaticais, nessas construções, garante a permanência do PL pleno, o que confirma, em muitos aspectos, a pesquisa de Omena (1978).

Quanto às diferenças estilísticas em relação à representação do ODA, Duarte (1986) compara a *fala em situação natural* (entrevistas com informantes e novelas) e a *fala* em um contexto mais *formal* (testes e entrevistas de TV) e conclui que não é o uso do CI que distingue os dois estilos, mas o uso do PL. Evidenciando que, a ocorrência do ON/CV e do PL em *textos escritos* favorece um tom de informalidade a este texto, principalmente quando o objetivo é reproduzir a fala. Em contextos mais formais, porém, desaparece o uso do PL, reduz-se o uso do ON/CV e amplia-se o uso de SNa, o que indica que o falante distingue os estilos na *língua falada* e na *língua escrita*.

A crescente substituição do uso do CI pelo PL e por um ON/CV na fala também foi constatada na pesquisa desenvolvida por Corrêa (1991) que investigou as mesmas variantes analisadas por Duarte (1986) e revelou que o contexto favorecedor para o uso do CI é a língua escrita culta e, não sendo natural entre os falantes mais jovens, precisa ser aprendido.

O uso do CI e o preenchimento do ON/CV são aspectos de uma variante culta do PB, diferentemente do que é para o PE, para o qual Freire (2000) mostra que o CI

apresenta o maior índice de ocorrência (44%) e destaca que as variantes ON/CV e SNa não ocorrem apenas no PB, apresentando respectivamente 31% e 25% do total das ocorrências de ODA encontradas em PE. Esses números mostram-se bastante relevantes, visto que, somados (56%), ultrapassam o percentual de uso do Cl.

Figueiredo Silva (2004) registra, em sua análise, que o PL parece ter se disseminado posteriormente à perda do Cl e estaria se difundindo nos contextos de ON/CV, “com traço [-animado] e a faixa etária dos informantes” (p. 138). De acordo com a autora, a frequência de uso do PL aumenta na medida em que a faixa etária dos informantes diminui.

Na sequência, uma síntese das pesquisas mencionadas e de outras empreendidas em diferentes regiões do país sobre a variedade do PB, apresentando breve resumo de resultados e focando no uso do Cl. A começar pelas pesquisas sobre as formas de realizações do ODA de 3ª pessoa na língua oral com falantes escolarizados, como se observa no quadro 1, a seguir:

**Quadro 1** - Realizações do ODA em pesquisas sobre *língua oral com falantes escolarizados*

Autor/ano/local	Características da amostra	ON/CV	Cl	PL	SNa
Duarte/1986/SP	Ensino Fundamental (15-17 anos)	65,8%	<b>0%</b>	23,5%	10,7%
	Ensino Fundamental	63,9%	<b>3,4%</b>	21,0%	11,7%
	Ensino Médio	60,7%	<b>3,6%</b>	21,6%	14,1%
	Ensino Superior	65,0%	<b>6,4%</b>	9,8%	18,8%
Correa/1991/ Campinas/SP	Ensino Fundamental (1º/2º)	72,4%	<b>0%</b>	24,1%	3,4%
	Ensino Fundamental (3º/4º)	77,7%	<b>0%</b>	8,6%	13,6%
	Ensino Fundamental (5º/6º)	71,2%	<b>2,1%</b>	19,1%	7,4%
	Ensino Fundamental (7º/8º)	71,1%	<b>1,9%</b>	20%	7%
	Textos orais (universitários)	67,8%	<b>10,7%</b>	7,1%	14,4%
Freire/2000/RJ	PB (universitários)	59%	<b>34%</b>	4%	3%
	PE (universitários)	31%	<b>44%</b>	0%	25%
Matos/2003/SE	Fala de 6 informantes (Itabi/SE)	66,7%	<b>0%</b>	10%	23,3%
Mendonça/2004/ Mata Grande/AL	Ensino Fundamental	65,8%	<b>0%</b>	23,5%	10,7%
	Ensino Médio	60,7%	<b>3,6%</b>	21,6%	14,1%
	Ensino Superior	65%	<b>6,4%</b>	9,8%	18,8%
Neiva/2007/BA	Português culto falado em Salvador	59%	<b>4,2%</b>	2,4%	34,4%
Arruda/2006/ Araraquara/SP	PB culto/ falado em 5 capitais/RJ	69%	<b>4,5%</b>	10,5%	16%
	São Paulo	57%	<b>1,75%</b>	---	41,25%
	Recife	55%	<b>7%</b>	8,3%	29,5%
	Porto Alegre	67%	<b>4%</b>	7,5%	21,5%
	Salvador	57%	<b>3,5%</b>	9,5%	29,8%
Alves/2009/BA	Jovens de Salvador (fundamental)	68%	<b>0%</b>	32%	---
	Ensino Médio	83%	<b>2%</b>	15%	---

Fonte: Duarte (1986), Correa (1991), Freire (2000), Matos (2003), Mendonça (2004), Neiva (2007), Arruda (2006), Alves (2009).

Observando os trabalhos resenhados sobre língua oral com falantes escolarizados, vê-se que o pronome CI não foi encontrado em Duarte (1986/jovens 15/17 anos), Correa (1991/fundamental 1º ao 4º ano), Matos (2003/fundamental), Mendonça (2004/fundamental) e Alves (2009/fundamental), aparecendo nas outras pesquisas com baixos percentuais; em Arruda (2006), nas cinco capitais brasileiras, apresenta 1,75% (SP), 3,5% (Salvador), 4% (Porto Alegre), 4,5% (RJ) e 7% em Recife; em Freire (2000), atinge um índice de 34% na fala de universitários brasileiros, e percentual de 44% na fala de universitários europeus.

Os resultados das pesquisas sobre as formas de realizações do ODA de 3ª pessoa na língua oral com os falantes não escolarizados estão descritos no quadro 2, a seguir:

**Quadro 2** - Realizações do ODA em pesquisas sobre *língua oral com falantes não escolarizados*

Autor/ano/local	Características da amostra	ON/CV	CI	PL	SNa
Omena/1978/RJ	Fala de 4 mobralenses	76%	0%	24%	---
Pereira/1981/RJ	Fala de 6 informantes	57,8%	0,9%	26,6%	14,7%
Correa/1991/ Campinas/SP	Textos orais (Adultos Não-Escolarizados)	66,6%	0%	25,6%	7,6%
Pará/1997/RJ	Fala de pescadores (Norte Fluminense)	62,0%	0%	14,0%	24%
Figueiredo Silva/2004/BA	Português Rural Afro-brasileiro - Cinzento	72%	0%	8%	20%
	Helvécia	72%	0%	17%	11%
	Rio de Contas	69%	0%	15%	16%
	Sapé	76%	0%	9%	15%
Marafoni/2004/RJ	Fala popular carioca	67,3%	0,7%	13%	19%
Brito/2010/ Caém/BA	Amostra do povoado de Piabas, Caém/BA	68%	0%	8%	24%

Fonte: Omena (1978), Pereira (1981), Corrêa (1991), Pará (1997), Figueiredo Silva (2004), Marafoni (2004), Brito (2010).

As pesquisas com falantes não escolarizados registram as raras frequências de CI: 0,9% em Pereira (1981), 0,7% em Marafoni (2004) e 0% nas outras pesquisas. A comparar com o quadro 1, evidencia-se a influência da escola no uso dessa variante.

As pesquisas sobre as formas de realizações do ODA de 3ª pessoa na língua escrita com falantes escolarizados, estudantes dos ensinos fundamental, médio e superior estão descritas no quadro 3, a seguir:

**Quadro 3** - Realizações do ODA em pesquisas sobre *língua escrita com falantes escolarizados*

<b>Autor/ano/local</b>	<b>Característica da amostra</b>	<b>ON/CV</b>	<b>Cl</b>	<b>PL</b>	<b>SNa</b>
Correa/1991/ Campinas/SP	Ensino Fundamental (1º/2º)	57,5%	<b>0%</b>	7,5%	35,0%
	Ensino Fundamental (3º/4º)	65,6%	<b>9,3%</b>	6,2%	18,7%
	Ensino Fundamental (5º/6º)	52,3%	<b>18,4%</b>	15,3%	13,8%
	Ensino Fundamental (7º/8º)	53,5%	<b>10,3%</b>	10,7%	5,3%
	Textos escritos (Universitários)	9,5%	<b>85,7%</b>	0%	4,7%
Freire/2005/RJ	O Cl acusativo e dativo no PB	31%	<b>47%</b>	8%	14%
	O Cl acusativo e dativo no PE	12%	<b>77%</b>	---	11%
Averbug/2000/RJ	Ensino Fundamental (Alfabetizados)	49%	<b>2%</b>	19%	30%
	Ensino Fundamental (4ª série)	45%	<b>6%</b>	15%	34%
	Ensino Fundamental (8ª série)	33%	<b>23%</b>	13%	31%
	Ensino Médio	36%	<b>28%</b>	6%	30%
	Universitários	23%	<b>40%</b>	0%	37%
Oliveira/2007/ Curitiba	Ensino Fundamental (1ª série)	44%	<b>8%</b>	31%	17%
	Ensino Fundamental (2ª série)	64%	<b>16%</b>	12%	8%
	Ensino Fundamental (3ª série)	61%	<b>11%</b>	23%	5%
	Ensino Fundamental (4ª série)	37%	<b>34%</b>	27%	2%
Soledade/2010/ RJ	Cartas de ilustres a Rui Barbosa (XIX)	38%	<b>48%</b>	---	14%
Soledade/2011/ RJ	Peças de autores brasileiros (XIX e XX)	39,6%	<b>48%</b>	1%	8,5%
Araújo/2005/BA	Textos da Web	51%	<b>42%</b>	7%	---

Fonte: Correa (1991), Freire (2005), Averbug (2000), Oliveira (2007), Soledade (2010-2011), Araújo (2005).

Os resultados apresentados nos trabalhos resenhados, seja sobre a língua escrita ou oral com falantes escolarizados, confirmam a influência da escola no uso da forma normativa, o Cl, como já mencionados nas pesquisas resenhadas; assim também como a importância dos fatores linguísticos, sociais e estilísticos que impulsionam à variação e comprovam, dentre outros objetivos (a depender do foco dos autores), a variação na colocação pronominal no PB, o que se torna possível quando se tem uma metodologia a seguir.

### 3 METODOLOGIA

Como já apontado, para o desenvolvimento do estudo sobre o emprego do ODA de 3ª pessoa na língua falada de fortalezenses, com foco no CI acusativo de 3ª pessoa, pauta-se nos postulados teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística de Labov (2001, 2008 [1972], [1978], 2015 [2006]) e de WLH (2006 [1968]).

Nesse sentido, a pesquisa de que trata este estudo é quantitativa e segue os postulados da Sociolinguística Quantitativa.

Para Labov (2008 [1972], p. 259), uma comunidade de fala é aquela que “compartilha “normas” e “atitudes” sociais perante uma língua ou variedade linguística”. Partilhando as ideias de Labov, caracteriza-se a comunidade de fala: a cidade de Fortaleza, estado do Ceará, situada na região nordeste do país.

O *Corpus* a ser analisado provém do falar fortalezense: projeto NORPOFOR – Norma Oral do Português Popular de Fortaleza. Este *Corpus*, desenvolvido com o apoio da Universidade Estadual do Ceará (UECE) foi consubstanciado sob a coordenação da Professora Doutora Aluiza Alves de Araújo e adota, na sua constituição, os mesmos procedimentos utilizados pelo NURC na seleção dos informantes e na coleta dos dados.

O projeto conta com 198 informantes, que foram estratificados por *sexo* (masculino e feminino), *faixa etária* (I: 15 a 25 anos; II: 26 a 49 anos; III: a partir de 50 anos), *escolaridade* (A: 0 a 4 anos; B: 5 a 8 anos; C: 9 a 11 anos) e *tipo de registro* (DID: Diálogo entre Informante e Documentador; D2: Diálogo entre Dois Informantes; EF: Elocução Formal).

A amostra é constituída por 54 inquéritos do tipo *DID*, que representam 54 informantes e 29 inquéritos do tipo *D2*, que representam 53 informantes, perfazendo um total de 83 inquéritos e 107 informantes, distribuídos por *sexo*, *faixa etária*, *escolaridade* e *tipo de registro*. Como se observa no quadro 1, a seguir:



**Quadro 1** - Distribuição da amostra por *sexo, tipo de registro, escolaridade e faixa etária*

NORPOFOR		Sexo											
		Masculino						Feminino					
Registros		DID			D2			DID			D2		
Escolaridade		0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11
Faixa etária	15 a 25	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3
	26 a 49	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
	50 + anos	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Total		9	9	9	9	9	9	9	9	9	8	9	9
		27			27			27			26		
		54						53					
		<b>107</b>											

Fonte: baseado em Araújo (2011, p. 839).

Essa distribuição dos informantes resultou em 8.255 ocorrências, que se prestam às análises e que partiram de narrativas de experiências pessoais gravadas, buscando o falar espontâneo. Conforme Labov (1997, p. 03), “uma narrativa de experiência pessoal é o relato de uma sequência de eventos que teve lugar na biografia do falante por uma sequência de sentenças que corresponde à ordem dos eventos originais”.<sup>4</sup>

Após definido os tipos de inquéritos a serem utilizados nesta pesquisa (D2 e DID), a seleção da amostra (feita com base nas células existentes no NORPOFOR) e os informantes, destacam-se os critérios para a seleção dos dados do falar de fortalezenses.

O levantamento de todos os dados buscou identificar, nos inquéritos, a presença das variantes: Cl (*o(s), a(s), lo(s), la(s)...*), o PL (*ele(s), ela(s)*), o SNa (que aponta para um termo anteriormente referido) e o ON/CV (o não preenchimento do ODA). Buscando controlar oito variáveis linguísticas: o traço semântico do antecedente (*[+/-animado]*), o número do sintagma nominal objeto (*singular e plural*), o tempo e o modo verbal (*infinitivo, gerúndio, particípio, subjuntivo e imperativo e verbos flexionados*), a estrutura sintática da sentença (*simples e complexas*), o tipo de oração (*principal ou coordenada e subordinada*), a presença ou ausência do sujeito (*sujeito presente na sentença e sujeito ausente da sentença*), o tipo de antecedente (*definido e indefinido*) e a topicalização do antecedente (*antecedente topicalizado e não topicalizado*). E cinco

<sup>4</sup> Tradução de Ferreira Netto, Professor Titular da Universidade de São Paulo, na área da Linguística, com ênfase em Fonologia, do original: “*a narrative of personal experience is a report of a sequence of events that have entered into the biography of the speaker by a sequence of clauses that correspond to the order of the original events*”.

extralinguísticas: o sexo (*masculino e feminino*), a faixa etária (*15-25 anos; 26-49 anos e 50 anos em diante*) e a escolaridade (*0-4 anos; 5-8 anos e 9-11 anos*), e os estilísticos são: o tema discursivo (*pessoal e social*) e o tipo de registro DID – (*Diálogo entre Informante e Documentador e D2 – Diálogo entre Dois Informantes*).

A análise estatística dos dados concretiza-se com a utilização do *GOLDVARB X* (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005). Versão atualizada para *Windows* do pacote de programas *VARBRUL*. Conforme Guy e Zilles (2007 p. 105), “um conjunto de programas computacionais de análise multivariadas, especificamente estruturadas para acomodar dados de variação sociolinguística”.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados do emprego do ODA de 3ª pessoa no falar fortalezense, com foco no pronome CI acusativo, parte do número de ocorrências e frequências de ODA na amostra, como mostra a tabela 1, a seguir:

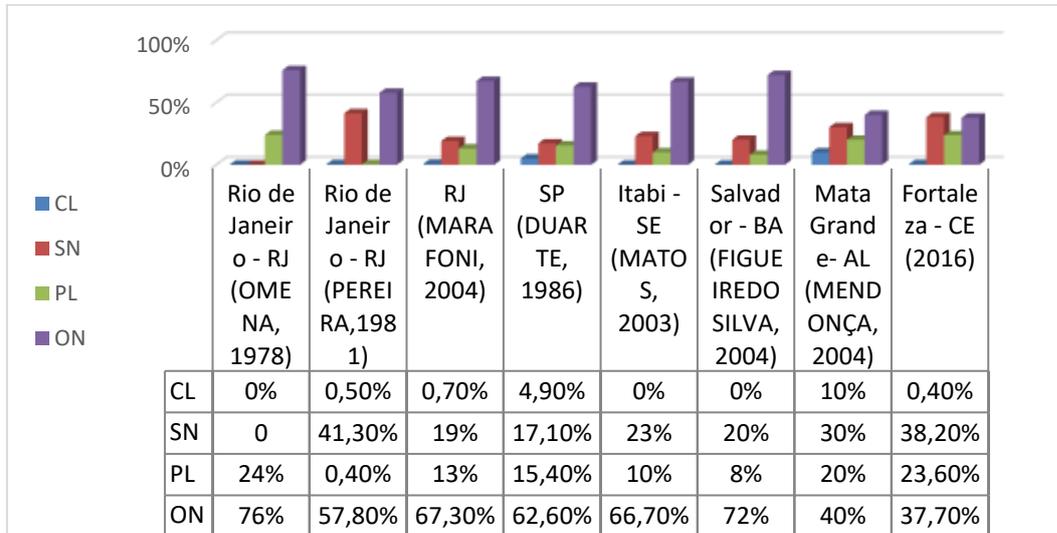
**Tabela 1** – Variação na forma do ODA na fala de fortalezenses

Forma do objeto direto anafórico									
CI		SNa		PL		ON ou CV		TOTAL	
Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
35	0,4	3.155	38,2	1.950	23,6	3.115	37,7	8.255	100

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Observando esses resultados, percebe-se a baixíssima frequência de emprego do pronome CI (0,4%) e as frequências consideráveis das outras estratégias de ODA, quais sejam, o SNa (38,2%), o ON/CV (37,7%) e o PL (23,6%). O comparativo desses resultados gerais com alguns outros registrados no Brasil, pode ser visualizado no gráfico 1, a seguir:

**Gráfico 1** - Frequência de realização do ODA em alguns estudos variacionistas



Fonte: elaborada pela pesquisadora, a partir de dados das pesquisas de Omena (1978), Pereira (1981), Duarte (1986), Matos (2003), Marafoni, Figueiredo Silva, Mendonça (2004) e Fortaleza (2016).

O resultado do comparativo entre os três estudos do Rio de Janeiro-RJ, em épocas e amostras diferentes, o de São Paulo-SP, o de Itabi-SE, o de Salvador-BA, o de Mata Grande-AL e o de Fortaleza-CE, mostra as raras aparições no uso do CL, confirmando não ser essa uma opção predominante de uso do falante, a considerar os percentuais de PL, o uso bastante significativo de SNa e de ON/CV, confirmando a utilização das variantes não padrão na gramática dos falantes.

Na sequência, trata-se das frequências de uso para cada um dos fatores linguísticos e extralinguísticos (análise quaternária), como apresentam outros autores, a fim de melhor interpretar a análise aqui realizada.

#### 4.1 Variáveis linguísticas e extralinguísticas

A análise tratou de 13 grupos de fatores, sendo 8 linguísticos: *O traço semântico do antecedente, Topicalização do antecedente, Presença ou ausência do sujeito, Tempo e modo verbal, A estrutura sintática da frase, Número do SN objeto, Tipo de antecedente e Tipo de oração* e 5 extralinguísticos: *Escolaridade, Tipo de Registro, Sexo, Faixa etária e Tema discursivo*, a começar pelas linguísticas, em termo de suas frequências brutas e dando prosseguimento com as variáveis extralinguísticas, também com seus percentuais.

## 4.2 Análise das variáveis linguísticas em termo de suas frequências brutas (rodada quaternária)

### 4.2.1 Traço semântico do antecedente ([+animado] e [-animado])

Este condicionamento foi escolhido com base em estudos anteriores, sob hipótese de que, para o traço [+animado] são favorecidos as ocorrências do CI acusativo e do PL, contrariamente, para o traço [-animado], favoreceriam os usos do ON ou CV e do SNa.

Os resultados relativos à amostra encontram-se na tabela 2, a seguir:

**Tabela 2** - Distribuição das variantes no grupo *traço semântico do antecedente na fala de Fortaleza*

TRAÇO DO ANTECEDENTE	Variantes									
	CI		SNa		PL		ON ou CV		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
[+animado]	25	0,7	1221	31,8	1275	33,2	1314	34,3	3835	46,5
[-animado]	10	0,2	1934	43,8	675	15,3	1801	40,7	4420	53,5
TOTAL	35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Observando a tabela 2, é possível confirmar a hipótese quanto a essa variável, apesar de baixa frequência geral do pronome CI acusativo (1.a). O SNa (1.b) e o ON ou CV (1.c) apresentam percentuais muito próximos (43,8% e 40,7%), com o traço [-animado], já para o traço [+animado], apresenta as frequências de 33,2 % de emprego do PL (1.d) e 0,7% de CI (1.e).

- (1.a) [...] Mas... mas eu digo assim S... é porque toda vida a G. o convida ... manda é os lesados dele... os abestado... num sabem nem bater uma foto... (D2 - Inq. Nº 49 - 04.12.2003 – Informante 2: mulher, 40 anos).
- (1.b) [...] joga o bolo no forno, espera, não é? (...) deixa assar bem o bolo... (D2 - Inq. Nº 99 - 26.02.2004 – Informante 1: mulher, 42 anos).
- 1.c) [...] Ah mulher só é pra fazer a comida. (...). É. As mulher só tem o trabalho só de fazer Ø... E o home é quem come... (D2 - Inq. Nº 153 - 18.05.2005).
- (1.d) [...] Aí tu botou *ela* pra dormi::r... aí voltou... e nós lá esperando fazia era tempo que a gente estava lá esperando... e tu não chegava e eu vamos dona Z. atrás de::la porque ela tá custando... será que ela foi levar *ela* no hospital?... (D2 - Inq. Nº 99 - 26.02.2004 – Informante 2: mulher, 28 anos).
- (1.e) [...] Os convite menina ela disse que só ia receber quatro... DOIS era dela e do E... né... e os outros dois... ela disse que vai manda-lo pra família... (D2 - Inq. Nº 49 - 04.12.2003 – Informante: mulher, 41 anos).

#### 4.2.2 Topicalização do antecedente (*topicalizado e não topicalizado*)

Essa variável foi selecionada buscando observar se o contexto *topicalizado* condiciona o falante a escolher a variante ON/CV, contrariamente, se a sentença for marcada por um antecedente *não topicalizado*, determina o uso da variante padrão (CI), conforme proposto por Galves (1984), para quem a estrutura sintática do PB tem se organizado na forma *tópico-comentário*.

A seguir, a tabela 3, com os resultados gerais para esse grupo de fatores:

**Tabela 3** - Distribuição de ODA no grupo *topicalização do antecedente na fala de Fortaleza*

TOPICALIZAÇÃO DO ANTECEDENTE	Variantes									
	CI		SNa		PL		ON		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
topicalizado	5	<b>0,1</b>	386	11,0	540	15,4	2565	73,4	3496	42,4
não topicalizado	30	<b>0,6</b>	2769	58,2	1410	29,6	550	11,6	4759	57,6
TOTAL	35	<b>0,4</b>	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Os resultados apontam a confirmação das expectativas, pois quando o antecedente é *topicalizado*, há 73,4% de frequência de ON/CV (2.a), entretanto, para o *não topicalizado*, o índice de CI (0,6%) (2.b), apesar de baixíssimo, se comparado com 0,1% quando *topicalizado*. Ressalta-se, entretanto, o uso da variante SNa com *antecedente não topicalizado* (58,2%) (2.c). No que se refere ao PL, os resultados demonstram que o *antecedente não topicalizado* registra 29,6% (2.d).

- (2.a) [...] Playstation, não tenho Ø... Parece que meia hora, no de fita é vinte é cinco para cima... aqui acolá o R. vai comprar alguma coisa... quando não tem dá uma ajudinha com o dinheiro do videogame né... (DID - Inq. Nº 09 - 19/10/2005). (objeto nulo).
- (2.b) [...] não... mais quando eu digo que eu vou minha filha eu vou mesmo... você não me conhece e nem eu a conheço não... (D2- Inq. Nº 99 – Informante 2 – mulher 28 anos - 26/06/2004).
- (2.c) [...] Férias é sabe essencial é muito importante e você deve tirar *férias* sempre mesmo que você precise daquele dinheiro da do seu trabalho mas pense... pense... se você né... pense não eu vou voltar mais relaxado eu vou voltar mais humana... (DID - Inq. Nº 105 - 18/08/2005).
- (2.d) [...] Agora no lugar que tem mesmo... no lugar que dá peixe, a pessoa vai pescano ô... ô dá peixe... né. É que tem umas parte aí que dá peixe, um dá peixe... eu mesmo nem conheço *ele*... (DID - Inq. Nº 91 - 07/02/2004).

Duarte (1986, p.64), embora não faça uma análise estatística da estrutura topicalizada do objeto direto, aponta para o fato de que “construções de tópico são

bastante frequentes no PB”. Os resultados apresentados para esse fator reafirmam a validade de sua consideração em fenômenos correlacionados aos contextos de ODA de 3ª pessoa.

#### 4.2.3 Presença ou ausência do sujeito

O fator *presença ou ausência do sujeito* foi considerado nessa pesquisa tendo como base os estudos de Figueiredo Silva (2004), que analisou a estrutura da sentença no português do Brasil e a tendência em apagar os objetos e preencher os sujeitos, diferentemente do português europeu (PE). A expectativa é de encontrar maior uso de ON/CV em sentenças com sujeitos presentes e CI em sujeitos ausentes na sentença. O que se verá na tabela 4, a seguir:

**Tabela 4** - Distribuição de ODA no grupo *presença ou ausência do sujeito* na fala de Fortaleza

PRESEÇA AUSÊNCIA SUJEITO	OU DO	Variantes									
		CI		SNa		PL		ON/CV		TOTAL	
		Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
presença		11	0,4	1039	40,1	701	27,0	842	32,5	2593	31,4
ausência		24	0,4	2116	37,4	1249	22,1	2273	40,1	5662	68,6
TOTAL		35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Os resultados em análise confirmam, em parte, as expectativas para esse grupo de fatores, vez que evidenciam maior frequência de ON/CV (40,1%) (3.a) (3.b) na *ausência do sujeito*, mas apresentam somente 0,4% de CI (3.c) (3.d). Ressalta-se a frequência considerável de PL (27,0%) (3.e) (3.f) na *presença do sujeito*. Percebe-se ainda, em conformidade com os dados, que o percentual de ON/CV e SNa (3.g) é o mesmo (40,1%), sendo o primeiro na *ausência do sujeito* e o segundo na *presença*.

- (3.a) [...] Faz *frio* durante a noite e quando amanhece faz mais Ø... ainda... (DID- Inq. Nº 23 - 16/08/2005).
- (3.b) Nunca vi a cor de dinheiro... papai pediu o Ø dele... o meu Ø... do Ø... meu irmão... mas nunca vi a cor Ø... (DID - Inq. Nº 53 - 30/10/2004).
- (3.c) [...] Tinha uma igreja veia... a derrubar... fizeram outra igreja... agora tá bom... (DID- Inq. Nº 153 - 18/05/2005).
- (3.d) [...] num sei::... ai ela pediu pra mim dizer que a amava e saiu com a tia N pra vê se tinha vaga no colégio...né... (D2- Inq. Nº114 - Informante 1 - mulher 20 anos - 02/05/2005).
- (3.e) [...] Eu ajudo *ele* lá com as meninas que são muitas as aluna se ele é quem toma conta de tudo e

- não dá conta e ele chama a gente para ajudar *ele...* (DID - Inq. N° 23 - 16/08/2005).
- (3.f) [...] pois é eu disse a ela que eu vou convidar *ele...* o pior é que eu tenho vergonha... (D2- Inq. N°114 – Informante 1 – mulher 20 anos - 02/05/2005).
- (3.g) [...] faz é meses que começou o tratamento e não deve interromper o *tratamento* pra não pior a situação e a doença se espalhar... (DID - Inq. N° 09 - 19/10/2005).
- (3.h) [...] éh... vou vê se eu compro uma lembrancinha pra mi dá a ela... é o aniversário dela e vou dá uma *lembrancinha*...(D2- Inq. N°114 – Informante 2 – mulher 38 anos - 02/05/2005).

#### 4.2.4 Tempo e modo verbal

O grupo de caráter morfológico *tempo e modo verbal*, envolvendo o *infinitivo*, o *gerúndio*, o *particípio*, o *subjuntivo* e o *imperativo*, e os *verbos flexionados*, de acordo com os estudos de Duarte (1986), constitui importante critério para a investigação do emprego do ODA no PB. Baseando-se nas observações de Duarte (1986), estima-se encontrar a variante padrão nas formas verbais com *infinitivo*, *gerúndio*, *particípio* e *subjuntivo*, e ON/CV, nos *verbos flexionados*. Estimativa a ser observada na tabela 5, a seguir:

**Tabela 5** - Distribuição de ODA no grupo *tempo e modo verbal* na *fala de Fortaleza*

TEMPO E MODO VERBAL	Variantes									
	CI		SNa		PL		ON/CV		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
infinitivo, gerúndio, particípio, subjuntivo e imperativo	32	0,5	2672	38,7	1587	23,0	2614	37,9	6905	83,6
verbos flexionados	3	0,2	483	35,8	363	26,9	501	37,1	1350	16,4
TOTAL	35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

A observação da tabela permite verificar a preferência no uso do SNa (38,7%) no grupo de fator *tempo e modo verbal*: *infinitivo*, *gerúndio*, *particípio*, *subjuntivo* e *imperativo* ((4.a) e (4.b)); seguida do ON/CV (37,9%) (4.c) e do percentual de CI (0,5%) ((4.d) e (4.e)), e para os *verbos flexionados*, o destaque para a variante PL (26,9%) ((4.f) e (4.g)).

Esses resultados apresentados, com base nas frequências percentuais, em termos quantitativos, ocorreram para o CI: 32/35, no *infinitivo*, *gerúndio*, *particípio*, *subjuntivo* e *imperativo* e ON/CV nos *verbos flexionados*, confirmando a expectativa de encontrar maior frequência de uso da variante padrão no *infinitivo*, *gerúndio*, *particípio*, *subjuntivo* e *imperativo*, e preferência de uso de ON/CV nos *verbos flexionados*.

- (4.a) [...] Eu me lembro que às vezes na minha casa não tinha televisão não... eu ia assistir *televisão* na casa dos outros naquele telecat um tal de telecat que era negócio de rua... (D2 - Inq. Nº 60 – Informante 2: mulher 51 anos - 11.01.2004).
- (4.b) [...] Sem água as coisas são muito mais difícil por causa da água porque tendo *água* acaba com a dificuldade... (D2 - Inq. Nº 04 – Informante 2 – mulher 42 anos - 25/01/2004). (SN anafórico).
- (4.c) [...] É né? Demora mesmo porque:: é... já era pra ter terminado as pinturas quando eles fossem terminando  $\emptyset$ ... já era pra eles estarem entregando  $\emptyset$ ... né?... D2 - Inq. Nº 160 – Informante 2 – homem 48 anos - 18.05.2006).
- (4.d) [...] Mas Deus vai preenchendo os espaços e definindo-os assim... e graças a Deus... hoje eu tenho uma família maravilhosa... (D2 - Inq. Nº 60 – Informante 1: mulher 56 anos - 11.01.2004).
- (4.e) [...] Podia ter saído só, sem *o* levar mas vai que ela não sabe pegar o ônibus... por isso ela vai e leva o E... um dos menino pequeno... (DID - Inq. Nº 09 - 19/10/2005) (clítico acusativo).
- (4.f) [...] problema de saúde ai... e ele mesmo na época com nove anos... ele:: ele sentiu que foi o senhor que curou *ele*... (D2 - Inq. Nº 155 - 31.05.2003 – Informante 1: mulher, 55 anos).
- (4.g) [...] A dona C. tomou conta do menino até::... até de noite... botou *ele* pra dormir... cuidou e pela manhã partiu para casa... (DID - Inq. Nº 09 - 19/10/2005). (pronomes lexical).

Ainda para a ocorrência *tempo e modo verbal (infinitivo, gerúndio, participio, subjuntivo e imperativo e verbos flexionados)*, o levantamento de dados em termos percentuais mostrou ocorrências como as seguintes:

- (i) a estrutura formada por verbo do tipo locução com participio traz o CI como estratégia de realização do ODA (4.h). Essa construção que destaca o uso do CI, já não se encontra normalmente no PB escrito formal, com verbo transitivo direto;
- (ii) Na amostra, que não há restrição ao ON/CV no gerúndio, nem em sua forma complexa (em locução) (4.i), nem em sua versão simples (4.j). Nos dois exemplos, o ON/CV retoma o antecedente “produtos de evangelização antigos”. Supõe-se que a preferência pelo ON/CV se deva à estrutura do antecedente: um SN plural;
- (iii) nos exemplos ((4.k), (4.l) e (4.m)), pode-se observar o preenchimento com o indicativo, nas três variantes: CI, SNa e ON/CV, respectivamente;
- (iv) os exemplos ((4.n), (4.o) e (4.p)) destacam as construções com locução com infinitivo nas três variantes: CI, SNa e ON/CV, nessa ordem;
- (v) as estratégias em estruturas com infinitivo simples nas três variantes: CI, SNa e ON/CV, respectivamente ((4.q), (4.r) e (4.s));
- (vi) a ocorrência de imperativo na amostra tem como alternativa o uso do ON/CV, conforme exemplo (4.t);
- (vii) o exemplo (4.u) destaca a ocorrência do subjuntivo com o CI acusativo.
- (4.h) [...] Uma preocupação distingue a nossa igreja de muitas outras igrejas... Essa preocupação de formação... a preocupação moral a igreja tem-na mantido através dos anos... (DID– Inq. Nº 06 - 25/01/2004).
- (4.i) [...] ali tem uma loja que vende... umas casas que vendem produtos de evangelização que vou comprando aos poucos... depois vou comprando mais  $\emptyset$ ... (DID– Inq. Nº 115 - 12/08/2005).
- (4.j) [...] mas faltam-me produtos de evangelização antigos... que é um bocado difícil... só comprando  $\emptyset$ ... mesmo nessas casas especializadas... (DID– Inq. Nº 115 - 12/08/2005).
- (4.k) [...] O senhor quer ir para casa, eu levo-o para casa. SÓ assim eu sabia... que o cara era parente se::u mora quase em cima da minha casa... Mas é bem tranquilo... (DID– Inq. Nº 10 - 12/12/2005).

- (4.l) [...] (tenho) um sofá que uma mulher da Messejana me deu... ela me deu o *sofá*... ela comprou um aí...( ) mulher dá pra cachorra dormir em cima... aí eu peguei e levei para mim... só que:... agora na minha *casa* porque a casa não é rebocada é só os tijolos agora deu/ tem tanta *catita* mulher dentro do sofá (rindo)... é cheio de *catita* dentro do sofá... (DID- Inq. Nº 16 - 19/11/2004).
- (4.m) ( ) é porque tipo assim uns é a técnica do dragão outros é a  $\emptyset$ ... do tigre né então uns é o estudo... éh:... observaram mais o quê?... O tigre é a mão aberta né é assim é um tipo de técnicas por exemplo o caratê é mais  $\emptyset$ ... fechada e:: e o kung fu é o quê?... tem a mão aberta tá entendendo?... é só isso tem algumas diferença... (DID- Inq. Nº 12 - 26/01/2004).
- (4.n) [...] É uma disputa entre o estado que tem que fornecer dinheiro e os artistas que têm que *o* reivindicar... (D2- Inq. Nº 94 - Informante 2 - homem 31 anos - 10/05/2004).
- (4.o) [...] E vamos construir uma casinha nossa que nós tínhamos o terreno que foi o meu sogro que deu... e então vamos fazer a *casinha*...(DID- Inq. Nº 16 - 19/11/2004).
- (4.p) [...] O nome dele era “E”... ele receiptou uma mistura de ervas e explicou como é que ela devia fazer  $\emptyset$ ... em casa... (DID- Inq. Nº 09 - 19/10/2005).
- (4.q) [...] Na escola temos um grupo de alunos interessados... com eles consegue-se ou arranjar estratégias e sugestões ou deixá-*los* fazer as suas sugestões... (D2- Inq. Nº114 - Informante 2 - mulher 38 anos - 02/05/2005).
- (4.r) [...] aqui só usamos agulhas descartáveis... o paciente que compra a caixa de agulhas com cem agulhas e elas vão se deixando fora no fim de cada sessão... É proibido reutilizar as *agulhas*... (D2- Inq. Nº 154 - Informante - mulher 18 anos - 10/05/2005).
- (4.s) [...] Para a hidratação há máscaras que são utilizadas como um creme... Não é necessário retirar  $\emptyset$ ... (D2- Inq. Nº 114 - Informante 2 - mulher 38 anos - 02/05/2005).
- (4.t) [...] A carteira há de estar aí em qualquer lugar... por ali na gaveta... procure  $\emptyset$ ... ali na gaveta... (DID- Inq. Nº 47 - 16/05/2005).
- (4.u) [...] Eles querem o trabalho... mas querem um trabalho livre... um trabalho que *os* liberte... (DID- Inq. Nº 09 - 19/10/2005).

Em relação ao *tempo e modo verbal*, o ON/CV só não ocorreu em locução com participio. Como essa não é uma forma verbal recorrente, não significa que essa forma de substituição do ODA de 3ª pessoa não possa aparecer nesse tipo de estrutura; o SNa só não apareceu no gerúndio e no imperativo, embora tenha superado, na amostra, em todos os casos, as demais variantes, independentemente da forma em que se encontra o verbo; o PL, embora aparecendo com todas as formas verbais, é mais usado com *verbos flexionados*, enquanto é nulo o uso do Cl com o imperativo, os tempos compostos e o gerúndio; no que se refere ao Cl acusativo, constata-se a sua ocorrência em estruturas com verbos no infinitivo (locução e formas simples), o que constituem, em PB, contextos que favorecem o seu uso, fato que se observa na amostra, na qual foram encontrados 32 de um total de 35 clíticos, o que equivalem a 0,4% do total de dados, distribuídos entre as formas simples do presente e do passado e as formas verbais com infinitivo, sejam simples ou locuções.

Assim, com níveis não significativos na fala, o CI acusativo se apresenta na escrita, nos trabalhos de Corrêa (1991 - Campinas-SP - 65,7%), Averbug (2000 - RJ - 40%), Araújo (2005 - BA - 42%), Oliveira (2007 - Curitiba-PR - 34%), Soledade (2011 - RJ - 48%), entre outros, nos tempos do indicativo e com a forma infinitiva, que a escola consegue recuperar.

Feitas as observações acerca do fator *tempo e modo verbal*, dar-se prosseguimento com a análise das variáveis linguísticas em relação às frequências.

#### 4.2.5 Estrutura sintática da sentença

Os estudos de Omena (1978) e Duarte (1986) mostraram a importância da estrutura sintática da oração em que ocorre o ODA de 3ª pessoa, encontrando em suas pesquisas a distribuição do ON/CV por todo tipo sintático de oração. Assim, estima-se encontrar na *estrutura simples da sentença* (sujeito, verbo e objeto) a prevalência de CI e na *complexa* (objeto direto, indireto, predicativo e sujeito), predominância de ON/CV (TABELA 6).

**Tabela 6** - Distribuição de ODA no grupo *estrutura sintática da sentença na fala de Fortaleza*

ESTRUTURA SINTÁTICA SENTENÇA	DA	Variantes									
		CI		SNa		PL		ON/CV		TOTAL	
		Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
simples		6	0,5	431	32,7	400	30,3	483	36,6	1320	16,0
complexas		29	0,4	2724	39,3	1550	22,4	2632	38,0	6935	84,0
TOTAL		35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Observa-se, para o uso do CI em *estruturas simples*, 0,5% e em *complexas* 0,4%. Houve 39,3% de frequência para o SNa em *estruturas complexas* e em *simples* 2,7%. O destaque para o uso do PL em *estruturas simples* (30,3%) e 22,4% em *complexas*. E a pouca diferença entre as sentenças *simples* (36,6%) e *complexas* (38,0%) em relação ao ON/CV. Esses dados confirmam a hipótese, pois a estimativa era de que nas estruturas sintáticas das sentenças *simples* prevaleceria o uso de CI e nas *complexas*, ON/CV.

Na seqüência, as estruturas analisadas no *Corpus*, para esse grupo de fator:

- (i) *estrutura simples*: sujeito, verbo e objeto (SVO)

- (5.a) [...] eu odeio *ele*... (FORT. NORPOFOR – DID– Inq. Nº 131- 27/12/2005).  
 (ii) *estrutura complexa*: sujeito, verbo e objeto direto (SVOD)  
 (5.b) [...] O professor entregou a prova e cada um pegou  $\emptyset$ ... e olhou a nota... (FORT. NORPOFOR – DID– Inq. Nº 161- 24/05/2006).  
 (iii) *estrutura complexa*: sujeito, verbo, objeto direto e predicativo (SVOD + PRED.)  
 (5.c) [...] ela abraçou *ele* muitas vezes com muita força [...] (FORT. - NORPOFOR Inq. Nº 115 - 12.08.2005).  
 (iv) *estrutura complexa*: sujeito, verbo e objeto direto e indireto (SVODI)  
 (5.d) [...] O pai rico dá o carro novo ao filho e ele acaba  $\emptyset$ ... com dois anos acaba... (FORT. NORPOFOR – DID– Inq. Nº 65 - 13/01/2004).

#### 4.2.6 Número do sintagma nominal objeto (*singular* ou *plural*)

Tendo como base os resultados apresentados por Brito (2010, p.65), que destaca o uso do CI acusativo quando o objeto é *singular* (85%) e do PL e ON/CV quando *plural*, tenciona-se encontrar nos contextos de referente *SN singular* o uso do CI acusativo e nos contextos de referente *SN plural* ON/CV e PL.

**Tabela 7** - Distribuição de ODA no grupo *número do SN objeto* na fala de Fortaleza

NÚMERO DO SN OBJETO	Variantes									
	CI		SNa		PL		ON/CV		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
singular	33	0,5	2737	38,4	1630	22,9	2725	38,2	7125	86,3
plural	2	0,2	418	37,0	320	28,3	390	34,5	1130	13,7
<b>TOTAL</b>	<b>35</b>	<b>0,4</b>	<b>3155</b>	<b>38,2</b>	<b>1950</b>	<b>23,6</b>	<b>3115</b>	<b>37,7</b>	<b>8255</b>	<b>100</b>

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Os resultados apresentados diferem das expectativas consideradas para o grupo de fatores, já que se verifica haver maior frequência de SNa (38,4%) quando a sentença aparece com objeto no *singular*, como em (6.a), seguida de ON/CV (38,2%) (6.b). Em relação ao PL, observa-se maior índice (28,3%) em ocorrências com objeto no *plural* (6.c). O CI aparece com frequência de 0,5% em ocorrências de *SN objeto no singular* (6.d).

- (6.a) [...] Quando chega no hospital... a enfermeira faz o cálculo da medicação e reserva a *medicação*.. e pronto... (DID - Inq. Nº 82 - 03.02.2004).  
 (6.b) [...] minha irmã ultimamente já fez ate faculdade depois de cinquenta anos de idade ela se esforçou e fez  $\emptyset$ ... (DID - Inq. Nº 148 - 14.05.2004).  
 (6.c) [...] Eles, às vezes, utilizam até a queimada para conduzir os animais pra um local fácil... onde eles pudessem abater *eles*... (DID - Inq. Nº 110 - 16.05.2005).  
 (6.d) [...] Espera mulher... pega o short... vou experimentar primeiro antes de comprá-lo... vai dá um problema... né.... (D2 - Inq. Nº 49 - 04.12.2003 – Informante 1: mulher, 41 anos).

#### 4.2.7 Tipo de antecedente (*definido* ou *indefinido*)

Esse contexto, de natureza semântica, verifica se o antecedente é *definido* ou *indefinido*, ou seja, se ele é marcado por determinante ou não, um referente explícito ou implícito no contexto, assim como os nomes próprios, os pronomes pessoais dêiticos que apontam para um objeto (indivíduo) no mundo. Com base nos resultados de Brito (2010), que encontrou ON/CV em antecedente *indefinido*, tenciona-se encontrar essa variante em contextos *indefinidos* e a variante CI acusativo em contextos *definidos* (TABELA 8).

**Tabela 8** - Distribuição de ODA no grupo *tipo de antecedente na fala de Fortaleza*

TIPO ANTECEDENTE	DE	Variantes									
		CI		SNa		PL		ON/CV		TOTAL	
		Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
definido		30	0,6	2768	58,1	1411	29,6	557	11,7	4766	57,7
indefinido		5	0,1	387	11,1	539	15,4	2558	73,3	3489	42,3
TOTAL		35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Os resultados evidenciados positivam a expectativa, pois demonstram que a variante ON/CV apresenta maior frequência quando o antecedente é *indefinido* (73,3%) (7.a), conforme Brito (2010). Apesar de a variante padrão, CI acusativo, apresentar índice de apenas 0,6% (7.b). Observa-se ainda, em relação ao antecedente *definido*, a prevalência de SNa (58,1%) (7.c). Para o PL, frequência de 29,6% (7.d), em contextos *definidos*.

- (7.a) [...] pelo menos aqui em casa é difícil a gente encontrar um fogareiro... Acho que num tem Ø... não... tinha naquele tempo lá... (D2- Inq. Nº 93 - Informante 1 - mulher 59 anos - 20.03.2004).
- (7.b) [...] O L. foi um personagem de Fortaleza que ninguém fala mais... foi um personagem que ele devia ser lembrado né?... muito tempo depois eu passei lá na Pedro Pereira tava o L.... achei parecido eu digo... vou já perguntar... “você é o L.?”... aí ele... “eu era o L.”... aí me deu uma triste::za... na época que ele vivia na praça do... do... da Lagoinha... muita gente ainda lembra dele porque ele era uma pessoa que... muito conhecida ali na praça da Lagoinha todos o conheciam arrodando a pra::ça... e fazendo como se fosse um locutor né?... (D2- Inq. Nº93 - Informante 1 - mulher 59 anos - 20/03/2004).
- (7.c) [...] Deve da gente dar o conselho e a gente não pegar... a pessoa vai pegar o conselho nós deve... todas nós deve pegar o conselho... (D2- Inq. Nº 93 - Informante 2 - mulher 63 anos - 20.03.2004).
- (7.d) [...] O “E” mora pra banda do Conjunto Industrial e o “M” mora pra banda do Jenibaú... O primeiro eu conheci quando morava lá perto de casa e ele conhecia meu irmão aí eu conheci *ele* e o outro eu conheci *ele* quando eu tava na casa da minha ex-sogra... (DID- Inq. Nº 09 - 19/10/2005).

#### 4.2.8 Tipo de oração (*principal* (absoluta) e *outras* (coordenadas e subordinadas))

Para verificar a atuação desse grupo de fatores, considerado importante nos trabalhos anteriores (cf. CYRINO, 1997; GALVES, 1998; FREIRE, 2005; MARAFONI, 2004; BRITO, 2010, dentre outros), parte-se da hipótese de que nas orações *principais* há maior frequência de uso de pronome CI acusativo e, nas *coordenadas e subordinadas*, a prevalência de uso de ON/CV (TABELA 9).

**Tabela 9** - Distribuição de ODA no grupo *tipo de oração* na fala de Fortaleza

TIPO DE ORAÇÃO	Variantes									
	CI		SNa		PL		ON/CV		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
principal	6	<b>0,5</b>	428	32,5	399	30,3	484	36,8	1317	16,0
outras: coord./subor.	29	<b>0,4</b>	2631	37,9	1551	22,4	2631	37,9	6938	84,0
TOTAL	35	<b>0,4</b>	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Os resultados percentuais apontam pequenas diferenças entre as variantes, tanto no que se refere ao tipo de oração *principal*, quanto às *coordenadas e subordinadas*: CI acusativo (0,5% e 0,4%) (8.a), ON/CV (36,6% e 37,9%) (8.b), SNa (32,5% e 37,9%) (8.c) e PL (30,3% e 22,4%) (8.d). Esses resultados confirmam, em parte, a expectativa.

- (8.a) [...] já chefe... não... quase que num aparece não. Mas... se ele tive de cobrar o funcionário... ele cobra Ø... (D2- Inq. N°152 – Informante 2 – homem 51 anos - 29/11/2004).
- (8.b) [...] aqui só usamos agulhas descartáveis... o paciente que compra a caixa de agulhas com cem agulhas e elas vão se deixando fora no fim de cada sessão... É proibido reutilizar *as agulhas*... (D2- Inq. N° 154 – Informante – mulher 18 anos - 10/05/2005). (SN anafórico).
- (8.c) [...] O pastor com a bíblia na mão chama *ele*... conversa e bota ele dentro do carro...(D2- Inq. N° 14 – Informante – homem 35 anos - 02/11/2003).
- (8.d) [...] A mãe *o* criou de um jeito e os filhos de outro jeito que são os mais danados... os maiores... os pequenos não dão trabalho tanto não... (DID – Inq. N°09 - 19/10/2005).

Apos essas considerações gerais em relação aos fatores linguísticos, trata-se, na sequência, dos fatores sociais em termo de suas frequências brutas.

### 4.3 Análise das variáveis extralinguísticas em termo de suas frequências brutas (rodada quaternária)

#### 4.3.1 Nível de escolaridade

De acordo com Labov (2008 [1972]), os informantes com mais anos de escolarização apresentam maior tendência ao uso de formas consideradas padrão na comunidade e informantes com escolarização baixa ou nula apresentem maior emprego de formas não-padrão. Esta é uma tendência confirmada em várias pesquisas variacionistas, como, por exemplo, Omena (1978), Duarte (1986), Corrêa (1991), Mendonça (2004), dentre outras referendadas nesse estudo.

Nesse estudo, é considerada padrão a variante CI acusativo, ainda preconizada pela tradição gramatical. Oposta a essa forma, há as variantes: SNa, ON/CV e PL, consideradas não padrão, por ainda continuarem sendo ignoradas como forma de representação do ODA de terceira pessoa pela maioria das gramáticas da língua portuguesa.

Na amostra analisada, com base na estratificação do *Corpus*, controlam-se os níveis de *escolaridade 0 a 4 anos; 5 a 8 anos; 9 a 11 anos*. A expectativa é a de que falantes do nível I (*0 a 4 anos*) com nenhum ou menores níveis de escolarização, por possuírem pouco contato com a variante padrão (CI acusativo) presente no ambiente escolar, tendessem mais ao uso das variantes não padrão (PL, ON/CV e SNa). Enquanto falantes com níveis intermediários de escolarização, nível II (*5 a 8 anos*) e maiores de escolarização, nível III (*9 a 11*), apresentariam maior frequência de uso da forma normativa (CI acusativo), corroborando assim a tendência verificada na maioria dos trabalhos sociolinguísticos.

Haveria ainda a expectativa de que falantes mais escolarizados tendessem a evitar o emprego do PL, haja vista ser uma estratégia condenada pela prescrição normativa, diferentemente das outras duas estratégias (ON/CV e SNa) (TABELA 10).

**Tabela 10** - Distribuição de ODA no grupo *nível de escolaridade na fala de Fortaleza*

NÍVEL ESCOLARIDA DE	DE	Variantes									
		CI		SNa		PL		ON/CV		TOTAL	
		Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
0 a 4 anos	9	<b>0,4</b>	840	39,0	496	23,0	810	37,6	2155	26,1	
5 a 8 anos	11	<b>0,4</b>	958	31,1	1111	36,0	1005	32,6	3085	37,4	
9 a 11 anos	15	<b>0,5</b>	1357	45,0	343	11,4	1300	43,1	3015	36,5	
TOTAL	35	<b>0,4</b>	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100	

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Observando os resultados, conclui-se que o comportamento de informantes com mínima escolarização (0 a 4 anos), se considerado o emprego da forma padrão, CI acusativo (0,4%), aproxima-se muito do de informantes com o nível máximo de escolarização (9 a 11 anos, mais de 12 anos de frequência à escola) (0,5%), resultados opostos às expectativas para a influência do fator *escolaridade* na amostra de fala. Na faixa intermediária (5 a 8 anos) há prevalência de PL (36,0%), embora as variantes ON/CV (43,1%) e SNa (45,0%) sejam as mais utilizadas pelos falantes na amostra, estando confirmado, em todos os níveis de escolaridade, o limitado uso do CI.

#### 4.3.2 Tipo de registro (*DID – Diálogo entre Informante e Documentador e D2 – Diálogo entre Dois Informantes*)

A expectativa para esse grupo de fatores é encontrar maior índice da variante ON/CV no tipo de registro *DID* e prevalência de CI acusativo em *D2* (TABELA 11):

**Tabela 11 - Distribuição de ODA no grupo tipo de registro na fala de Fortaleza**

TIPO DE REGISTRO	Variantes									
	CI		SNa		PL		ON/CV		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
DID	32	0,5	2481	36,3	1845	27,0	2483	36,3	6841	82,9
D2	3	0,2	674	47,7	105	7,4	632	44,7	1414	17,1
TOTAL	35	0,4	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Os resultados não confirmam a hipótese para esse grupo de fatores, pois as variantes ON/CV e SNa registram índices iguais (36,3%) no *DID* é o maior emprego do SNa (47,7%) no *D2*, o PL apresentou 27,0% no *DID* e o CI acusativo aparece com 0,5% no *DID*.

#### 4.3.3 Sexo do informante (*masculino e feminino*)

Labov (2001), em fenômenos linguísticos variáveis, assume uma codificação necessária em função do *sexo* do falante, para permitir comparabilidade entre as pesquisas. A expectativa, ao controlar *sexo do informante* é perceber se as mulheres

utilizam mais a forma padrão na língua, no caso o CI acusativo, do que os homens, no sentido de apontar se um é mais conservador que outro.

De acordo com Paiva (2003, p. 41), “qualquer explicação das diferenças linguísticas entre homens e mulheres deve ser relativizada em função do grupo social estudado”. Conforme apontado na fundamentação teórica, as mulheres apresentam maior propensão ao emprego de formas prestigiadas em sociedades onde exercem uma função na vida pública.

Como já verificado em diversos trabalhos, as mulheres são mais sensíveis ao significado social das variantes linguísticas e, dessa forma, podem optar ou não pelo uso da forma inovadora (ON/CV, SNa e PL) a depender do *status* social que essa variante assume na comunidade (TABELA 12).

**Tabela 12 - Distribuição de ODA no grupo *sexo* na fala de Fortaleza**

SEXO	Variantes									
	CI		SNa		PL		ON/CV		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
masculino	25	<b>0,6</b>	1891	43,1	951	21,7	1517	34,6	4384	53,1
feminino	10	<b>0,3</b>	1264	32,7	999	25,8	1598	41,3	3871	46,9
Total	35	<b>0,4</b>	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

No que diz respeito ao uso dos clíticos, embora em seu *continuum* de baixíssimas frequências nesse estudo, os homens o fazem em 0,6% nas ocorrências de ODA e as mulheres em 0,3%. Atente-se para o fato de que esta é a forma mais conservadora, porém, não necessariamente, a mais prestigiada. Assim, esta questão pode ser um indício da sensibilidade das mulheres em relação ao prestígio social. Esses resultados não confirmam a expectativa. O ON/CV, uma forma inovadora não prescrita nos padrões gramaticais, apresenta maior percentual de emprego por representantes do *sexo feminino* (41,3%, em oposição à 34,6% do *sexo masculino*). O SNa, apresenta uma inversão de comportamento, com maior frequência de uso por parte dos homens (43,1%, em oposição à 32,7% das mulheres). Já o PL, com 25,8% de uso pelas mulheres e 21,7% para os homens, a diferença é de 4,1%. Essa diferença, embora pouco expressiva, aponta que o emprego dessa forma pode não ser estigmatizado na comunidade, embora não seja prescrito pela gramática normativa.

#### 4.3.4 Faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos, a partir de 50 anos)

O fator social *faixa etária* é uma variável bastante relevante nos estudos variacionistas por contribuir para o apontamento de uma possível mudança em curso ou uma variação estável, observada em tempo aparente. A seleção desse fator faz-se importante pelo fato de uma ou mais faixas etárias apresentarem comportamento diferente. Essas diferenças podem ser observadas em uma comunidade de fala, entre os mais jovens e os mais velhos, em relação ao processo de variação investigado.

A expectativa é de que, através da comparação da linguagem de pessoas de diferentes faixas etárias, ou seja, num estudo em tempo aparente, seja possível saber se um fenômeno linguístico está apenas sofrendo variação, quando as variantes coexistem num mesmo momento sincrônico, e se há uma situação de mudança em progresso, quando uma das variantes deixa de coexistir com as outras no sistema. Nesse contexto, faz-se saber se as formas não padronizadas e conseqüentemente inovadoras tenderiam a ser mantida por falantes mais jovens, ao passo que a forma considerada padrão seria mais bem preservada na linguagem de falantes mais velhos (TABELA 13).

**Tabela 13** - Distribuição de ODA no grupo *faixa etária* na fala de Fortaleza

FAIXA ETÁRIA	Variantes									
	CI		SNa		PL		ON/CV		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
15 a 25 anos	7	<b>0,5</b>	592	43,9	258	19,2	490	36,4	1347	16,3
26 a 49 anos	16	<b>0,6</b>	989	39,6	658	26,3	836	33,5	2499	30,3
50 anos +	12	<b>0,3</b>	1574	35,7	1034	23,5	1789	40,6	4409	53,4
<b>TOTAL</b>	<b>35</b>	<b>0,4</b>	<b>3155</b>	<b>38,2</b>	<b>1950</b>	<b>23,6</b>	<b>3115</b>	<b>37,7</b>	<b>8255</b>	<b>100</b>

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Contrariando as expectativas, os resultados mostram que os informantes mais jovens (15 a 25 anos) usam com mais frequência o SNa (43,9%); os de idade intermediária (26 a 49 anos) preferem usar o PL (26,3%) e os indivíduos mais idosos, que estão na faixa etária a partir de 50 anos, dão preferência de uso ao ON/CV (40,6%).

Importante destacar que a faixa de informantes mais jovens é a que menos emprega o PL, apresentando, entre as três faixas, o maior percentual de uso do SNa. Não houve também confirmação da hipótese para emprego do CI acusativo.

Apesar desses resultados não confirmarem a hipótese, nos permitem afirmar que, tanto os mais velhos, quanto os mais jovens, utilizam as variantes inovadoras e não prescritas nos padrões gramaticais, o SNa, o ON/CV e o, por eles desconsiderados, PL. Assim, em relação à *faixa etária*, na amostra do falar fortalezense, fica evidente o uso menos frequente da variante padrão e o uso mais frequente das variantes não prescritas pelas gramáticas.

#### 4.3.5 Tema discursivo (*peçoal ou social*)

O grupo de fatores *tema discursivo* partiu do pressuposto de que os contextos diferentes de envolvimento dos falantes com o conteúdo da entrevista poderiam influenciar no emprego das diferentes variantes de retomada do ODA. A expectativa era de que o *tema social* propiciasse maior aproximação com a prescrição gramatical e que o tema pessoal favorecesse as variantes não prescritas gramaticalmente (SNa, ON/CV e PL) (TABELA 14)

**Tabela 14** - Distribuição de ODA no grupo *tema discursivo* na fala de Fortaleza

TEMA DISCURSIVO	Variantes									
	Cl		SNa		PL		ON/CV		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
peçoal	22	<b>0,4</b>	2342	38,6	1444	23,8	2261	37,3	6069	73,5
social	13	<b>0,6</b>	813	37,2	506	23,1	854	37,2	2186	26,5
TOTAL	35	<b>0,4</b>	3155	38,2	1950	23,6	3115	37,7	8255	100

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

As frequências apresentadas em relação ao fator *tema discursivo*, como se pode notar, não apresentam diferenças significativas entre si (SNa: 38,6% (*peçoal*) e 37,2% (*social*); ON/CV: 37,3% (*peçoal*) e 37,2% (*social*); PL: 23,8% (*peçoal*) e 23,1% (*social*) e Cl: 0,4% (*peçoal*) e 0,6% (*social*)).

A seguir, às considerações sobre a variante em estudo: Cl acusativo.

#### 4.4 Considerações sobre a variante em estudo na amostra de fala de fortalezenses: Clítico acusativo

O desaparecimento da variante Cl acusativo de 3ª pessoa na língua falada de informantes escolarizados foi comprovado nas pesquisas variacionistas realizadas nas

grandes capitais do Brasil (cf. DUARTE, 1986 – SP; CORRÊA, 1991 – SP; FREIRE, 2000- RJ; MATOS, 2003 – SE; MENDONÇA, 2004 – MATA GRANDE/AL; ALVES, 2009 – BA, dentre outros). Assim também como a dos informantes não escolarizados (cf. PEREIRA, 1981 – RJ; PARÁ, 1997 – RJ; FIGUEIREDO SILVA, 2004 – BA; MARAFONI, 2004 – RJ; BRITO, 2010 – BA, dentre outros) que descartam as possibilidades de escolha para o preenchimento do ODA de 3ª pessoa. Na capital cearense, o resultado 0,4% é semelhante, destacando a escassez dessa variante no falar de fortalezenses.

Na comunidade de fala, assim como nas pesquisas referendadas, alguns fatores mostram-se, ainda que de forma esporádica, ser contextos favoráveis ao seu uso: *antecedente [+animado]* (0,7%), *grau de formalidade do discurso* (0,6%) e *forma verbal* (0,5%).

Observa-se que, com a perda dos clíticos de 3ª pessoa, o uso do ON/CV e do PL (*ele* na posição de objeto direto) é muito comum entre os falantes, o que demonstra que o PB se distanciou bastante do PE e que uma revisão nos padrões linguísticos deve ser implementada levando em consideração trabalhos como os apontados acima.

A esse respeito, Duarte (1986, p. 23) esclarece que: “A observação destes resultados leva-me a crer que o uso do clítico pré e pós-verbal limita-se a formas já cristalizadas no português, não havendo dúvida de que é a forma verbal o fator que sustenta suas esporádicas ocorrências”.

Nos resultados desta pesquisa sobre o CI acusativo, verifica-se que nem mesmo esses fatores, apontados por Duarte como condicionadores dessa variante e apresentados no início desta seção, levam à sua realização no dialeto analisado.

É importante salientar que no PB se generalizou o uso da colocação pré-verbal do CI (próclise), inclusive no início da frase, contrariando a tradição gramatical que impõe a colocação pós-verbal do CI (ênclise). Como nos exemplos encontrados no PB: *Eu lhe amo! Me ligue!* Ao invés de: *Eu a amo! Ligue-me!* As mudanças que ocorreram no posicionamento dos clíticos atingiram não apenas as estruturas sentenciais marcadas por formas simples do verbo como também as que apresentam sequências verbais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, que trata de investigar como se comporta a variável objeto direto anafórico de 3ª pessoa na língua falada de fortalezenses, partiu de pesquisa bibliográfica, de observações do *Corpus* NORPOFOR e de análise estatística realizada através do *GOLDVARB X* (2005), possibilitando verificar as formas de ODA e investigar se a *faixa etária* e o *nível de escolaridade* mais alto favoreceriam o uso da variante padrão, conseqüentemente, se *faixa etária* e *nível de escolaridade* mais baixo propiciariam o uso das variantes não padrão: o SNa, o ON/CV e o PL, no intuito de analisar se há indícios dessas variantes estarem passando por um processo de mudança em curso ou se se trata de uma variação estável.

Com a análise dos dados, tem-se uma visão geral do que ocorre com a variável dependente ODA de 3ª pessoa na fala de fortalezenses. Observando que a variação no uso do ON/CV, do SNa, do Pl e do Cl acusativo, antever possíveis indícios de mudança em curso.

No entanto, há algumas questões a considerar em relação ao fenômeno analisado:

5. os clíticos estão cada vez mais em desuso no PB, na amostra, obteve 0,4%, um percentual bastante insignificante num universo de 8.255 ocorrências;
6. os SNs anafóricos e o objeto nulo ou categoria vazia surgem como recursos para o ODA. Apresentando, na amostra, 38,2% e 37,7%, respectivamente;
7. e os consideráveis usos de pronome lexical 23,6%.

Em relação ao uso do Cl acusativo, observa-se a falta de espontaneidade nas narrativas orais presentes nas ocorrências do *Corpus* analisado no PB, assim também como o esforço que se faz para atender às exigências da avaliação social, quando essa variante aparece, como se pode comprovar a partir da observação a trabalhos já citados (cf. DUARTE, 1986 – SP; CORRÊA, 1991 – SP; FREIRE, 2000- RJ; MATOS, 2003 – SE; MENDONÇA, 2004 – MATA GRANDE/AL, dentre outros).



Os condicionamentos linguísticos levantados mostram que o uso do CI acusativo ainda resiste em *estruturas simples* em que ocorre um tempo simples, que não o imperativo, ou, de preferência, um infinitivo.

Os fatores extralinguísticos: *escolaridade* e *faixa etária* destacam o fato de os informantes com nível de escolaridade mais alta e pertencentes à faixa etária mais alta preferirem os SNs, o ON/CV e o PL, resultados que contrariam a hipótese geral, no que se refere à variante padrão (CI). Os mais altos índices de uso do PL ficam com os jovens e os informantes de mais idade, com nível de escolaridade mais baixo, que não usam o CI.

Em síntese, essa análise ofereceu a oportunidade de refletir sobre as possibilidades de uso do ODA de 3ª pessoa, apresentando uma visão geral do que ocorre com essa variável dependente na língua falada de Fortaleza: o encaixamento das variantes: SNa e o ON/CV. E o crescente uso da variante PL, contudo, destaca-se a necessidade de continuar a observação sobre as realizações que comandam a posição de ODA no PB, especialmente no que se refere à colocação da variante CI acusativo na escrita, vez que se espera que a escola desempenhe sua função de enriquecimento linguístico do indivíduo, sem desconsiderar a dinamicidade da língua e a constante reorganização do sistema pronominal brasileiro, refletidas nas mais variadas realidades linguísticas e necessidades comunicativas de uma comunidade de fala.

Para concluir, pode-se afirmar que, apesar de a análise ocorrer somente em dois tipos de registros, dos três que compõe o *Corpus NORPOFOR*, os resultados fornecem informações importantes acerca do falar fortalezense. Apesar de, a maior parte do trabalho, referir-se sempre à amostra, acredita-se que ela seja representativa do universo maior que é a língua falada no PB; a considerar os trabalhos variacionistas sobre esse tema em outras capitais do país. Por fim, ressalta-se que este estudo, como qualquer outro sobre língua natural, está longe de ser completo. É um *continuum*. Por fim, espera-se que os resultados aqui expressos, aliados a outros já apresentados, possam contribuir com os estudos sociolinguísticos, no sentido de se esboçar um perfil linguístico do falante cearense, bem como enriquecer os estudos relacionados ao português falado no Brasil.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática da língua portuguesa**. 41<sup>a</sup> ed. São Paulo-SP, Saraiva Editora, 1997.

ALVES, J. da S. O objeto direto anafórico: uma análise na língua falada popular de jovens soteropolitanos. **Letra Magna**, Minas Gerais-MG, Ano 05 n. 11 – 2º Semestre de 2009. Disponível em: <[www.letramagna.com/objetodirsotero.pdf](http://www.letramagna.com/objetodirsotero.pdf)>. Acesso em: 13 jun. 2015.

ARAÚJO, A. A. de. CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOSOFIA. Rio de Janeiro-RJ. O Projeto Norma Oral Do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. 83 **Anais... Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011 a, vol. XV, nº 5, t.1. p. 835-845. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlftomo\\_1/72.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_1/72.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista**. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3597/1/2007\\_tese\\_ALAraujo.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3597/1/2007_tese_ALAraujo.pdf)>. Acesso em: 23 abril. 2015.

ARAÚJO, R. C. O objeto direto anafórico em textos da web. In: **Revista Inventário**. 4<sup>a</sup> ed., jul/2005. Disponível no web world wide em: <<http://www.inventario.ufba.br/04/04rcavalcante.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

ARRUDA, N. C. **A realização do objeto direto no Português Brasileiro culto falado: um estudo sincrônico**. 2006. 201f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 2006. Disponível em: <[http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93959/arruda\\_nc\\_me\\_ararafcl.pdf?squence=1](http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93959/arruda_nc_me_ararafcl.pdf?squence=1)>. Acesso em: 12 set. 2015.

AVERBUG, M. C. G. **Objeto Direto Anafórico e Sujeito Pronominal na Escrita de Estudantes**. 2000. 215f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro-RJ, 2000. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/averbugmccg.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. 15<sup>a</sup> reimpr. Rio de Janeiro-RJ, Lucerna, 2001.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2001.



BRITO, J. F. A. **O objeto direto (ana) fórico no falar rural baiano: um estudo Sociolinguístico.** 2010. 123f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Belo Horizonte, 2010. Disponível em <[http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_4/3007-3017.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_4/3007-3017.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2015.

CÂMARA JR., J.M. **Dispersos**; org. por C.E.F. Uchôa. Rio de Janeiro-RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CAMPEDELLI S. Y.; SOUZA J. B. **Gramática do Texto - Texto da Gramática.** São Paulo-SP, Saraiva Editora, 2000.

CASTILHO, A. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro.** São Paulo-SP, Contexto Editora, 2012.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa.** 40ª ed. São Paulo-SP, Companhia Editora Nacional, 2005.

CEREJA, W; COLH T. **Gramática Reflexiva: Texto, Semântica e Interação.** 3ª ed. São Paulo-SP, Atual Editora, 2009.

COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo-SP, Contexto Editora, 2015.

CORRÊA, V. R. **Objeto Direto Nulo no Português do Brasil.** 1991. 108f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1991. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro-RJ, Nova Fronteira Editora, 2007.

CYRINO, S. M. **L.O Objeto Nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico.** Londrina: UEL, 1993.

DUARTE, M. E. L. **Variação e Sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil.** 1986. 73f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo-SP, 1986.

\_\_\_\_\_.; SERRA, C. R. Gramática (s), ensino de português e “adequação linguística”. **Matraga** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro-RJ, v. 22, n. 36, p. 31-55, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12957/matraga.2015.17046>>. Acesso em: 23 agos. 2015.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. V. de. **Objeto Nulo no Dialeto Rural Afro-brasileiro.** 2004, 148f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11610/1/Maria%20Silva.pdf>>. Acesso em 13 nov. 2015.



FREIRE, G. C. **A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana.** 2005, 215f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2005. Disponível em: <[www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/FreireGC.pdf](http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/FreireGC.pdf)>. Acesso em: 06 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **Os Clíticos de Terceira Pessoa e as Estratégias para sua Substituição na Fala Culta Brasileira e Lusitana.** 2000, 204f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em letras vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2000. Disponível em: <[www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/FreireGC.pdf](http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/FreireGC.pdf)>. Acesso em: 06 nov. 2015.

GALVES, C. **Pronomes e categorias vazias em português do Brasil.** Campinas-SP, Editora UNICAMP, 1998, n. 7. p.107-136. Disponível em: <[revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/3432](http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/3432)>. Acesso em: 23 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Ensaaios sobre as gramáticas do português.** São Paulo-SP, Editora da Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, p. 387-408.

GUY, G.; ZILLES, A. M. S. **Sociolinguística Quantitativa** – instrumental de análise. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2007.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE.** <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas - INEP/Min. da Educação <[www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)>. Divisão Territorial do Brasil e Limites Territoriais. (2015). Acesso em: 09 jul. 2015.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP, Parábola Editorial, [1972], 2008.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change** – Social Factors. Oxford: Blackwell, 2001. Disponível em: <<http://eric.ed.gov/?id=ED157378>>. Acesso em 03 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Alguns passos iniciais na análise da narrativa.** The Journal of Narrative and Life History. Trad. de Ferreira Netto. Volume 7. 1997.

\_\_\_\_\_; ASH, S.; BOBERG, C. The atlas of North American English. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel\\_9\\_entrevista\\_labov.pdf](http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf)>. Acesso em: 04 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. A Study of Nonstandard English. Washington, DC: National Council of Teachers of English, 1968.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change.** Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

LUFT, C. P. **Moderna Gramática Brasileira.** São Paulo-SP, Globo Editora, 2002.



MARAFONI, R. L. **A realização do objeto direto anafórico:** um estudo em tempo real de curta duração. 2004, 112f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2004. Disponível em: <[www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/MarafoniRL.pdf](http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/MarafoniRL.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **A distribuição do objeto nulo no português europeu e no português brasileiro.** 2010, 159f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas), – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2010. Disponível em: <[www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/MarafoniRL.pdf](http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/MarafoniRL.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2015.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da Língua Portuguesa.** Lisboa: Editorial Caminho, 2003, p.816-867.

MATOS, M. Z. M. de S. II **ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - II ENPOLE.** Curitiba-PR, A expressão do objeto direto anafórico nos falares urbanos Itabienses: uma primeira abordagem. **Anais...** Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL, Paraná, 2003. p. 1014-1021. Disponível em: <[www.escavador.com/sobre/.../maria-zelma-meneses-de-santana-matos](http://www.escavador.com/sobre/.../maria-zelma-meneses-de-santana-matos)>. Acesso em: 12 jul. 2015.

MENDONÇA, V. de A. **O objeto direto anafórico na fala Mata Grandense e Paulistana:** um estudo comparativo. 2004, 97f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL, 2004. Disponível em: <[www.repositorio.ufal.br/bitstream/.../1/ValdenicedeAnucenaMendonca.pdf](http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/.../1/ValdenicedeAnucenaMendonca.pdf)>. Acesso em: 11 dez. 2015.

MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L (orgs.). **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MONTEIRO, J. L. Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil. Fortaleza: Edições UFC. 1994.

NASCIMENTO, M. E. P. O uso do pronome *lhe* como acusativo e como dativo em textos informais. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2001.

NEIVA, N. C. **Objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala culta de Salvador:** o clítico em desuso. 2007, 135f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2007. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/.../Nordélia%20Costa%20Neiva.pdf>>. Acesso em 23 nov. 2015.

NEVES, M. H. de M. **Que gramática estudar na escola?:** Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo-SP, Contexto Editora, 2004.

\_\_\_\_\_. **Gramática de usos do português.** 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.



NORMA. In: FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário da língua portuguesa**. 5ª ed. Curitiba-PR, Positivo Editora, 2010.

OLIVEIRA, S. M. **Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares**. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. UFSC, vol. 5, n. 9, agosto de 2007, p. 1-30. Disponível em: <[www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_9\\_objeto\\_direto\\_nulo.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_objeto_direto_nulo.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2015.

OMENA, N. P. de. **Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: Suas Formas Variantes em Função Acusativa**. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras) Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro-RJ, 11 de julho de 1978.

PARÁ, M. L. D. **Estratégias de representação do objeto direto correferencial: um estudo variacionista**. 1997, 215f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ, 1997. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/Pará.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.

PEREIRA, M. das G. D. **A Variação na Colocação dos Pronomes Átonos no Português do Brasil**. 1981, 301f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica – PUC-RJ, Rio de Janeiro-RJ, 1981.

PAGOTTO, E. G.. Clíticos, mudanças e seleção natural. In Robert, Ian; Kato, Mary Aizawa (org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Unicamp, 1993, p. 185-206.

PAIVA, M. da C.. Sexo. In: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. DUARTE, M. E. L. (orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Editora Contracapa, 2003.

PERINI, M. A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 41. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 2001.

SACCONI, L. A. **Gramática Essencial Ilustrada**. São Paulo-SP, Atual Editora, 1994.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONT, S. A; SMITH, E. **Goldvarb X: A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em 17 abril. 2016.



SOLEDADE, C. de L. V. A realização do objeto direto anafórico de terceira pessoa em cartas de ilustres do século XIX. In: SEMINÁRIO DO GEL, 58. 2010, *Programação...* São Carlos (SP): GEL, 2010. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=6795-10>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **A realização do objeto direto anafórico em peças de autores brasileiros dos séculos XIX e XX:** dados empíricos para observação de mudança no Português Brasileiro. 2011, 113f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2011. Disponível em: <[www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado/SoledadeCLV.pdf](http://www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado/SoledadeCLV.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2015.

TUFANO, D. **Gramática:** Estudos de Língua Portuguesa. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo-SP, Moderna Editora, 1990.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teorias da mudança linguística.** Tradução de M. Bagno. São Paulo-SP, Parábola Editorial, [1968], 2006.

Recebido Para Publicação em 26 de junho de 2018.

Aprovado Para Publicação em 20 de agosto de 2018.